

Perspectivas de raça, gênero e classe sobre o mundo do trabalho na série *As Five*

ROMÃO MATHEUS NETO

*Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Paraná, Brasil*

ID 3051

Recebido em

12.04.2024

Aceito em

09.12.2024

ARTHUR HENRIQUE MONTEIRO SILVA

*Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Paraná, Brasil*

REGIANE REGINA RIBEIRO

*Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Paraná, Brasil*

A presente proposta discute de que modo a série *As Five*, da Globoplay, endereça sentidos sobre gênero, classe e raça no mundo do trabalho. Para compreender tal articulação, os conceitos de *consustancialidade* e *coextensividade* são utilizados como operadores teóricos. Privilegia-se como técnica de análise os Modos de Endereçamento, no intuito de desvendar as intencionalidades dos produtores dos textos audiovisuais e as negociações entre sujeito/espectador. Entende-se que a série corrobora com os avanços dos direitos das mulheres, ainda marcados por uma ampla desigualdade social que pode ser mais ou menos intensificada de acordo com o cruzamento entre as diferentes categorias identitárias.

Palavras-chave: Consustancialidade. Divisão sexual do trabalho. Ficção seriada. Globoplay. *As Five*.

Perspectives on Race, Gender, and Class in the World of Work in the Series *As Five*

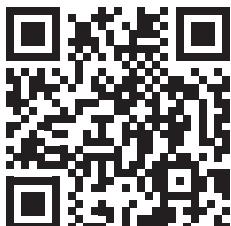
This proposal discusses how the series *As Five*, from Globoplay, addresses gender, class, and race in the world of work. To understand this articulation, the concepts of *consustanciality* and *coextensivity* are used as theoretical operators. The technique of Addressing Modes is used as an analytical tool to uncover the intentions of the producers of audiovisual texts and the negotiations between subject/viewer. The study shows that the series contributes to the advances in women's rights, still marked by wide social inequality that can be intensified depending on the intersection between different identity categories.

Keywords: *Consustanciality*. Sexual division of labour. Serial fiction. Globoplay. *As Five*.

Perspectivas de raza, género y clase sobre el mundo laboral en la serie *As Five*

La presente propuesta discute cómo la serie *As Five*, de Globoplay, aborda los sentidos sobre género, clase y raza en el mundo laboral. Para comprender esta articulación, se utilizan los conceptos de *consustancialidad* y *coextensividad* como operadores teóricos. Se privilegia como técnica de análisis los Modos de Abordaje, con el objetivo de desentrañar las intencionalidades de los productores de los textos audiovisuales y las negociaciones entre sujeto/espectador. Se entiende que la serie contribuye a los avances en los derechos de las mujeres, aún marcada por una amplia desigualdad social que puede ser más a menos intensificada según la intersección entre las diferentes categorías identitarias.

Palabras clave: Consustancialidad. División sexual del trabajo. Ficción serializada. Globoplay. *As Five*.



ORCID

Romão Matheus **NETO**

Doutorando e mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR). Integrante do Núcleo de Estudos em Ficções Seriadas e Audiovisualidades (Nefics).

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

E-mail: romamatheusneto@gmail.com



ORCID

Arthur Henrique Monteiro **SILVA**

Doutorando e mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR). Integrante do Núcleo de Estudos em Ficções Seriadas e Audiovisualidades (Nefics).

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

E-mail: arthurmmonteiro@gmail.com



ORCID

Regiane Regina **RIBEIRO**

Doutora e mestra em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR). Líder do Núcleo de Estudos em Ficções Seriadas e Audiovisualidades (Nefics).

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

E-mail: regianeribeiro5@gmail.com

Introdução

O entendimento de cultura de mídia nos convida a compreender de que modo os textos audiovisuais produzem um conjunto de práticas, valores e discursos que desempenham um papel central na perpetuação ou na amplificação de representações que atravessam as diferentes posições de sujeito, como gênero, classe e raça (Kellner, 2001; Ribeiro, 2020). A convergência entre tais marcadores de diferença demonstra como as categorias sociais são construídas socialmente e se desenvolvem mutuamente, em coexistência e coprodução. Assim, são relações sociais estruturantes para a reprodução do sistema capitalista, atuando de modo dinâmico e complexo. Portanto, tornam-se fundamentais análises que considerem tais variáveis de modo integrado, uma vez que não são passíveis de isolamento no nível empírico das práticas sociais (Hirata; Kergoat, 2007; Biroli; Miguel, 2015).

A partir desse plano de fundo, neste texto visamos discutir de que modo a ficção seriada *As Five* (2020-2024), da Globoplay, endereça sentidos sobre gênero, classe e raça no mundo do trabalho. Criada por Cao Hamburgo, a série brasileira é uma continuação de *Malhação: Viva a Diferença* (2017) e acompanha a vida das personagens principais, agora adultas, após um período de cinco anos desde os acontecimentos da temporada original. Benê, Ellen, Keyla, Lica e Tina enfrentam desafios e dilemas em diferentes aspectos da vida ao lidar com a vida adulta. Ao longo da série, são abordados assuntos como sexualidade, identidade, maternidade, machismo, racismo e inclusão social.

Considerando tal articulação, a discussão baseia-se no conceito de *divisão sexual do trabalho*, que dá conta de compreender os princípios de separação e hierarquização como produtos das relações desiguais entre os sexos/gêneros e como organizadores das próprias divisões sociais do trabalho (Hirata; Kergoat, 2007). Em complemento, entende-se os conceitos de *consustancialidade* e *coextensividade* como ferramentas analíticas para evidenciar também a interconexão entre as relações de classe, gênero e raça – isto é, as múltiplas formas de autodefinição e opressão que conformam as experiências complexas das identidades existentes (Hirata, 2014; Biroli; Miguel, 2015).

O *corpus* de análise é composto pelo conjunto de endereçamentos presentes na segunda temporada da série supracitada. Por meio de mapeamento e leitura flutuante dos dezoito episódios disponíveis na Globoplay, o intervalo escolhido é o que se mostrou mais representativo para a discussão aqui proposta, considerando também a serialidade do objeto escolhido. Como técnica de análise, opera-se os Modos de Endereçamento (ME) (Ellsworth, 2001), os quais permitem decodificar dinâmicas sociais, posições de sujeito, negociações e agências presentes tanto na produção quanto na experiência de “assistir a uma série”.

Como fio condutor, o artigo se organiza a partir de três seções. Na primeira, discutimos a convergência das categorias analíticas de gênero, classe e raça. Na sequência, descrevemos o objeto empírico e os procedimentos metodológicos. Por fim, partimos para a análise dos endereçamentos da ficção seriada, com o intuito de compreender qual a dimensão comunicacional da consustancialidade e da coextensividade das relações no mundo do trabalho.

O que nos dizem as categorias de gênero, classe e raça? Divisão sexual do trabalho e consustancialidade das relações sociais

O trabalho, observado como “condição de instrumento da acumulação capitalista e terreno do confronto entre a classe trabalhadora e o capital” (Federici, 2021, p. 11), tem encontrado um destaque particular na pesquisa científica desde os clássicos das Ciências Sociais. Por sua vez, o quadro teórico-epistemológico marxista assume um papel fundamental nesse universo, ao passo que articula o trabalho como um princípio organizador da estrutura social e um motor das dinâmicas de exploração nas relações sociais. Cabe des-

tacar o caráter determinante da economia nessa visão da sociedade moderna para a qual o trabalho assalariado é a divisória que conforma elementos do sistema social, como política, cultura e família (Sorj, 2000).

Essa lente analítica é ampliada a partir das críticas dos Estudos Feministas, que denunciam como a figura arquetípica do operário masculino nas fábricas éposta como universal, de modo a ser “a medida de todas as coisas” dentro da Sociologia do Trabalho. Na leitura de autoras como Silvia Federici (2021), Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) e Joan Scott (1995), a perspectiva marxista não captura as relações de poder imbricadas a partir das diferenças entre os gêneros/sexos socialmente percebidos no interior da luta de classes. Afinal, mesmo que relegado à esfera privada, o trabalho não assalariado de reprodução social não só é uma base para o capitalismo como também para a hierarquia binária entre homens e mulheres.

Uma ruptura epistemológica importante está no mapeamento da *divisão sexual do trabalho* como um conceito analítico que, na avaliação de Kergoat (2009, p. 69), “tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.)”. Tal dimensão sexuada, segundo a autora, é regida pelo princípio de separação – há trabalhos específicos para homens e para mulheres – e de hierarquização – o trabalho de homens possui maior valor social do que o de mulheres. Sem se constituir como um ato singular, o conjunto de discursos constantemente citados é legitimado por meio de uma ideologia naturalista que pressupõe uma linearidade entre sexo-gênero, isto é, que o sexo biológico definiria o gênero e, consequentemente, todas as práticas e papéis sociais a atrelados a este. Portanto, teorizar esse modo de divisão social fornece subsídios para compreendermos que as práticas e condutas consideradas “femininas” ou “masculinas” não são um resultado da “natureza biológica”, uma vez que ela mesma é um produto de discursos situados na história, na cultura e na sociedade.

Na mesma linha de pensamento, Hirata (2014) chama atenção para uma reconfiguração da divisão sexual – e racial – do trabalho a partir da década de 1980, quando mulheres brancas de classe média passam a ter uma entrada maior no mercado de trabalho, investindo em suas carreiras e encarando os afazeres domésticos como uma segunda ou terceira jornada. Em consequência, elas delegam a mulheres não brancas, pobres e, muitas vezes, imigrantes o trabalho que envolve o cuidado em suas diferentes particularidades. Logo, torna-se evidente que a “distribuição” da precariedade e da desigualdade envolve uma convergência entre gênero, classe e raça, incluindo suas imbricações históricas e suas relações de poder.

Nesse âmbito, relembramos as discussões de Nancy Fraser (2011), cujas análises destacam que o trabalho de reprodução social, atribuído majoritariamente às mulheres e realizado sem remuneração, é fundamental para a manutenção política, econômica e cultural da sociedade capitalista. As críticas feministas buscavam, nesse contexto, expor a desigualdade estrutural dessa divisão do trabalho e dos direitos, evidenciando uma hierarquia androcêntrica. No Norte global, por exemplo, o conceito do “salário familiar” revelava um modelo em que o homem provedor era o centro do sistema econômico, enquanto o trabalho feminino, se remunerado, servia apenas de apoio.

Segundo a autora, essa dinâmica mudou na ascensão do neoliberalismo, mas de forma ambígua. O ideal do “salário familiar” foi substituído pelo modelo de “duas rendas”, no qual ambos os cônjuges heterossexuais são responsáveis pelo sustento do lar, sem, contudo, resolver a precarização do trabalho feminino e a desvalorização do trabalho de cuidado. A crítica feminista ao “salário familiar”, antes vista como uma luta por igualdade, passa a ser apropriada pelo sistema capitalista, que transformou tal demanda em mais uma forma de mercantilização. Ainda para Fraser (2011), o ideal mercantil de emancipação feminina não proporcionou necessariamente melhores condições de vida ou de trabalho, mas sim novas formas de exploração. Mulheres de todas as classes e origens passaram a ocupar espaços de trabalho assalariado muitas vezes em condições precárias e informais, enquanto o trabalho de cuidado continuou desvalorizado e invisibilizado.

Tais paradigmas estruturam a consubstancialidade, que, conforme define Kergoat (2010), trata-se do entrecruzamento inevitável entre os marcadores de diferença/matrizes identitárias centrais que conformam os diferentes modos de exploração e opressão a níveis simbólico e material. Em outras palavras, as categorias de gênero, classe e raça formam um nó que não pode ser desatado a nível das relações sociais, somente em uma análise sociológica. Ao mesmo tempo, tais entrelaçamentos também são coextensivos, à medida que se desenvolvem, se reproduzem e se coproduzem mutuamente. Os operadores nos permitem compreender, por exemplo, a discriminação racial e de gênero enfrentada por mulheres negras, manifestada em forma de salários mais baixos, dificuldades em conseguir promoções em suas carreiras e falta de oportunidades de liderança em relação aos demais extratos da sociedade.

Em uma leitura sobre Kergoat, Amanda Garcia (2022) complementa que a consubstancialidade está amparada em três importantes premissas. A primeira é a de que, em uma noção materialista, os marcadores de gênero, raça e classe são produtos de relações sociais e, portanto, marcados por conflito, antagonismo e dominação. A segunda é a de que tais embates são dinâmicos e podem se transformar ao longo da história em uma coconstrução. Por fim, a terceira premissa é a de que há princípios variáveis que precisam ser identificados para a compreensão da consubstancialidade, como a *divisão sexual do trabalho*, definida acima. Nas palavras de Kergoat (2016) *apud* Garcia (2022, p. 23), a consubstancialidade é uma

[...] unidade de substância entre três entidades distintas, convida a pensar o mesmo e o diferente em um só movimento: 1) não obstante sejam distintas, as relações sociais têm propriedades comuns – daí o emprego do conceito marxiano de relação social com seu conteúdo dialético e materialista para pensar, também, o sexo e a raça; 2) as relações sociais, embora distintas, não podem ser entendidas separadamente, sob o risco de serem reificadas.

Em síntese, a consubstancialidade é uma das lentes analíticas que evidenciam como a produção científica, ao pretender ser neutra e objetiva, reflete visões predominantes na sociedade. Tal conceito inclui também a compreensão de que os diferentes mecanismos de opressão estão interligados, sendo impossível estabelecer uma hierarquia entre eles, e reforça a importância de superá-los em sua totalidade (Hirata, 2014; Garcia, 2022).

Consideramos importante demarcar a perspectiva de consubstancialidade – desenvolvida pela socióloga Danièle Kergoat no contexto francês durante os anos 1970 – e da noção de interseccionalidade – articulada por Kimberlé Crenshaw na área do Direito, em uma realidade estadunidense do Feminismo Negro durante os anos 1980. Importantes interpretações (Hirata, 2014; Ribeiro, 2020; Minuzzi; Petermann, 2021) apontam que, para Kergoat, apesar de o conceito de interseccionalidade prestar uma grande contribuição para o campo de investigação, ele é importado da geometria variável, o que naturalizaria as categorias analíticas em vez de compreendê-las como relações intersubjetivas e sociais historicamente situadas e em constantes evoluções e reconfigurações. Outro ponto de contestação é o entendimento de que, ao dar importância a outros ângulos de entrada – como religião, nação etc. – além da tríade fundante – gênero, classe e raça –, a lente interseccional fragmentaria as práticas sociais e contribuiria para sua reprodução.

Mesmo compreendendo que o debate sobre gênero, classe e raça não pressupõe necessariamente um campo de estudos homogêneo, concordamos com a ponderação de Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel (2014) de que ambas as noções são complementares, uma vez que possuem como ponto de partida o questionamento das reflexões do marxismo tradicional e mesmo do feminismo da chamada “segunda onda”, as quais particularizam um único eixo de opressão como a raiz de todos os outros. Isso porque o completo isolamento das variáveis resulta em distorções na compreensão das dinâmicas dos padrões de desigualdade.

Considerando que as hierarquias que se constituem na convergência entre os três eixos fundantes não se dão somente no mundo material, mas também a nível simbólico, interessa-nos aqui entender as disputas de sentido produzidas no interior das representações endereçadas pelas ficções seriadas, sobre-

tudo no que concerne a enredos sobre o mundo do trabalho. Na qualidade de textos e imagens, as séries fazem parte de um sistema simbólico de sentidos elaborados e compartilhados socialmente que permeiam o inconsciente e são inseridos no cotidiano. Desse modo, seus endereçamentos conformam as identidades/posições de sujeito e fornecem referências do que é raça, gênero e classe, sempre em uma relação entre a leitura pretendida pelos produtores e o que é negociado pelos receptores (Kellner, 2001).

Como resume Regiane Ribeiro (2020), a relevância de estudar as ficções seriadas – e, neste caso em específico, o mundo do trabalho apresentado em *As Five* – reside no fato de que a temporalidade desses produtos nos permite acompanhar os personagens inseridos em uma cultura audiovisual e televisiva que contribuem para a efetivação ou a amplificação de representações endereçadas por discursos implícitos e explícitos sobre determinados grupos sociais, considerando seus contextos e papéis sociais que são consubstanciais e coextensivos.

As Five: um breve panorama sobre a ficção seriada da Globoplay

Com o objetivo de apresentar um texto audiovisual que possibilitasse uma análise cruzada entre os operadores teóricos e as representações acerca do mundo do trabalho em consubstancialidade com os marcadores de gênero, classe e raça, a série brasileira *As Five* (2020-2024), criada por Cao Hamburgo e produzida e distribuída pela Globoplay, apresenta-se como um objeto empírico interessante de ser explorado devido a sua abordagem de questões relevantes para o público jovem adulto, como relacionamentos amorosos, carreira profissional, amizade, família, sexualidade, identidade, além de problemáticas como machismo e racismo.

A ficção seriada em questão é uma continuação da temporada de 2017 de *Malhação*, híbrido de série e telenovela juvenil produzida e transmitida pela TV Globo¹ entre 1995 e 2019. Com 27 temporadas, o título se consolidou como uma das únicas narrativas que eram centradas nas questões da juventude, abordando uma diversidade de temas, como conflitos geracionais, experiências amorosas e inseguranças relacionadas ao “mundo adulto” (Ferreira, 2021). Além dos assuntos em específico, as tramas geralmente envolvem *storylines* centradas no desenvolvimento de um casal de menino e menina em um colégio de classe média, com um elenco coadjuvante em seu entorno (Prediger, 2011).

A temporada de 2017, intitulada *Malhação: Viva a Diferença*, no entanto, transformou como as histórias eram contadas e substituiu o foco narrativo em um casal protagonista por um grupo de cinco garotas como personagens principais, apresentando suas diferentes vivências de classe e raça no mundo social. Nesse sobressalto, o *spin-off* chamado *As Five* acompanha a vida das personagens principais, agora adultas, após um período de cinco anos desde os acontecimentos da temporada original: Keyla (Gabriela Medvedovski), branca, mãe na adolescência, com dificuldades financeiras, romântica e sonhadora; Ellen (Heslaine Vieira), uma jovem negra, mestre em Computação Quântica pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), vinda da região periférica de São Paulo; Tina (Ana Hikari), mulher amarela descendente de família japonesa e uma DJ que enfrenta as armadilhas da vida pública; Lica (Manoela Aliperti), branca, lésbica, jornalista, rica e mimada, com traumas familiares; e Benê (Daphne Bozaski), branca, uma pianista com Síndrome de Asperger, no espectro do autismo.

Planejada para três temporadas, *As Five* teve sua última temporada lançada em março de 2024, totalizando 26 episódios. Um aspecto técnico relevante para esta análise – mesmo não pressupondo um essentialismo das identidades – é que, apesar de seu criador ser um homem branco, observa-se muita presença feminina nos bastidores da série, tanto na produção quanto na parte técnica, destacando-se roteiristas como Jasmin Tenucci, Luna Grimberg, Ludmila Naves e Francine Barbosa (*As Five*, 2023).

01 A TV Globo é a segunda maior rede de televisão comercial do mundo, alcançando 98,60% do território brasileiro (Negócios Globo, 2015). Integrante do Grupo Globo, um dos principais conglomerados de mídia, que também envolve o streaming Globoplay, a TV Globo é uma das maiores produtoras de telenovelas do mundo.



Figura 01: As cinco protagonistas de *As Five*

Fonte: TV Globo/UOL. Da esquerda, para direita: Benê, Tina, Ellen, Lica e Keyla.

Tanto a novela quanto o seriado obtiveram uma sequência de reconhecimentos do público e de premiações. A temporada de *Malhação: Viva a Diferença* (2017-2018) foi premiada com um Emmy International na categoria de melhor série infantojuvenil (*Malhação*, 2019), enquanto *As Five* (2020-2024) foi premiada com os prêmios F5, Splash e MTV MIAW. Na pesquisa acadêmica, ambas as produções audiovisuais também já foram exploradas como *corpus* de análise, demonstrando a potência da narrativa com o universo de fãs. Na dissertação *Viva a diferença?: as representações das juventudes e das narrativas da diferença em Malhação, sob um olhar decolonial*, a pesquisadora Amanda Ferreira (2021) discute como as narrativas da novela representam diferenças e identidades das juventudes representadas. Já os artigos “A aprendizagem informal na produção de *fanfics* da série *As Five*” (Sigiliano et al., 2021) e “Cultura de fãs e literacia midiática: a criação de mundos possíveis pelo *fandom* de *As Five* no Twitter” (Vieira; Sigiliano; Borges, 2021) traçam uma análise a partir de operadores teóricos como cultura de fãs, competência midiática e literacia midiática.

Modos de endereçamento: técnica de análise e *corpus* empírico

A partir de tal plano de fundo, realizamos uma pesquisa exploratória sob a lente analítica da consubstancialidade das relações sociais para termos um primeiro contato com o objeto empírico e realizar uma leitura flutuante de todos os episódios disponíveis e das personagens que constituem a série. Considerando as limitações de espaço e tempo, selecionamos como materialidade os endereçamentos presentes na segunda temporada da série, uma vez que ela traz em sua narrativa dinâmicas pertinentes ao tensionamento entre gênero, classe e raça no mundo do trabalho. Tais imbricamentos são vivenciados por três das cinco personagens principais: a relação conflituosa entre Ellen e Lica; e o trabalho da maternidade para Keyla. Neste artigo, não pretendemos esgotar a série estudada, mas compreender as possíveis dimensões comunicacionais da consubstancialidade em uma narrativa audiovisual.

Como técnica de análise, operam-se os ME, que permitem investigar os textos audiovisuais e as intencionalidades dos seus produtores. Segundo Elizabeth Ellsworth (2001), essa perspectiva analítica baseia-se no entendimento de que um texto midiático não é somente formado por um sistema de imagens – com composição estilística, uso de cores e enquadramentos –, mas por uma estrutura narrativa estrategicamente direcionada e imaginada para públicos específicos, mesmo existindo uma distância entre produtor e receptor – seja ela geográfica, ideológica ou simbólica.

Desse modo, o espectador ocupa um espaço social que convoca uma posição de sujeito marcada por relações de poder de gênero, classe e raça, sendo que os “pressupostos que o filme constrói sobre quem é o seu público funcionam com o mínimo de esforço, de contradição ou de deslizamento” (Ellsworth, 2001, p. 15). Os endereçamentos – isto é, os conjuntos de formações discursivas e sentidos produzidos – são relacionais, constituídos justamente no evento comunicativo (Hall, 2003) entre as lógicas de produção e as práticas de recepção. Os ME articulados, pontua Ellsworth, são produtos da diferença entre “o que foi dito” e “o que poderia ter sido dito”. Logo, não há um único discurso coerente e unificado dentro das narrativas, mas formações por vezes contraditórias e conflituosas entre si, nem sempre produzidas e interpretadas de forma consciente.

Em suma, operacionalizamos os ME como dispositivos interpretativos que decodificam as complexas dinâmicas sociais, relações de poder, posições de sujeito, negociações e agências presentes tanto na produção quanto na experiência de “assistir a uma série”. Assim, entendemos a série *As Five* não só como resultado das estruturas empresariais e das competências tecnológicas, mas sobretudo das práticas culturais, políticas e comunicacionais que envolvem sua audiência e seu contexto histórico.

As constantes disputas da mulher negra pobre versus o privilégio da mulher branca rica

A personagem Ellen Rodrigues é retratada como a *five* mais esforçada, inteligente e “batalhadora”. Sendo a única protagonista negra entre as cinco, também é retratada como uma personagem que mora na favela da Brasilândia, em São Paulo. Seus principais conflitos giram em torno de questões raciais e, principalmente, do custo e do esforço empregado na relação que a personagem constrói entre trabalho e vida pessoal.

Em *Malhação: Viva a Diferença*, Ellen é apresentada como uma estudante extremamente inteligente que consegue uma bolsa de estudos no Colégio Grupo e quer entrar em uma faculdade pública, visto que sua família não tem condições de mantê-la em uma instituição particular. Ainda na temporada original, observa-se como a narrativa coloca a personagem em desafios e embates internos sobre a necessidade constante de se provar merecedora da bolsa de estudos. Durante o *spin-off* *As Five*, nota-se a continuação deste tema durante um momento em que ela, mestre em Computação Quântica pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), é convidada a participar de um projeto de trabalho apenas devido à sua vivência na periferia.

Lica é apresentada como uma personagem distante da realidade de Ellen. Ela é retratada como a rebelde, empreendedora, conflituosa, desafiadora das regras e das amarras sociais. Moradora de uma região nobre de São Paulo, é filha do diretor do Colégio Grupo. A narrativa da novela envolve a personagem em tramas mais relacionadas ao desafio aos pais, a problemas conjugais da família, à rebeldia e a questões de sexualidade, especificamente sua descoberta como uma mulher lésbica.

Enquanto Ellen precisou se esforçar durante o período da novela para se manter no Colégio Grupo, Lica envolveu-se deliberadamente em atos rebeldes no colégio, desafiando professores e autoridades e até mesmo ausentando-se por um período para fazer um intercâmbio na Europa. Ainda que não seja o objeto principal de nossa análise, é importante tecer como essas personagens foram endereçadas e absorvidas pela audiência, pois se nota uma continuidade desses temas no seriado.

As duas personagens relacionam-se com a conquista de seu espaço no mercado de trabalho durante a série *As Five*. No entanto, enfrentam obstáculos consideravelmente diferentes. Ambas são jovens, pertencentes à geração Z. Composta por pessoas nascidas a partir do final da década de 1990 até 2010, trata-se de uma geração crescida imersa em tecnologias digitais, diversidade cultural e crises econômicas. Como profissionais, tendem a ser pessoas com liberdade de experimentação, empreendedoras e inovadoras, colaborativas e com gana de fazer mudanças na sociedade através do seu trabalho (Tapscott, 2010).

Nota-se como as dimensões de raça, gênero e classe interpelam Ellen em sua busca por uma boa posição no mercado de trabalho. Na segunda temporada de *As Five*, ela é apresentada como Chief Data Scientist de uma *startup* de tecnologia no Brasil após o término de seu mestrado no MIT, respondendo diretamente à sua gestora, Maura (Tamyris O'Hanna), e ao CEO da empresa, Fábio (Luiz Bertazo). Observamos a dinâmica de Ellen com esses gestores, que demandam a criação de um sistema de reconhecimento facial em um tempo curto. A cientista entra, então, em uma série de discussões para explicar a eles ser necessário assegurar que o software não fosse discriminatório com pessoas negras.

Enquanto Ellen enfrenta os desafios impostos por seus gestores, Lica está começando um novo projeto profissional – e é importante notar que não é seu primeiro durante a série. Na primeira temporada, a personagem é exibida “pulando” de um emprego a outro e termina como jornalista, mesmo sem formação. Lica é apresentada como se pudesse ter o emprego e a ocupação que quiser, independentemente de seus esforços acadêmicos e profissionais. Já na segunda temporada, ela é apresentada como empreendedora e criativa – características típicas da geração Z –, encabeçando um projeto de revista on-line.

Na sequência, vemos a festa de lançamento do projeto, que ocorre num bar da cidade. A principal temática e motivação das fundadoras da revista é “ampliar a voz de uma geração de mulheres”. No entanto, mesmo que Lica entenda o empoderamento feminino e as disputas travadas no campo do gênero, ela não é atravessada por outras opressões. Não observamos, então, a presença da consubstancialidade de Kergoat (2010) nas relações que a personagem tece com a realidade, sendo evidente que ela não enfrenta problemas raciais ou de classe que possam afetar sua existência e seu potencial no mundo do trabalho.

Ao comparar as identidades com que ambas as personagens são representadas no mundo do trabalho, temos divergências significativas. Lica não é formada e não tem um trabalho fixo. Mesmo assim, é a única personagem com um apartamento próprio para si, vivendo uma vida confortável de classe média alta. Enquanto isso, Ellen se formou em uma graduação e em um mestrado para conseguir entrar no mundo corporativo, e durante a segunda temporada é ameaçada constantemente de perder seu emprego – e até mesmo de ser processada caso não entregasse o projeto de software para reconhecimento facial a tempo.

Analizando essas relações por meio do conceito de Kergoat (2010), é notável que a convergência de gênero, raça e classe impacta o fazer profissional de ambas as personagens. Afinal, Lica tem o privilégio de poder desafiar as normas sociais e profissionais para conseguir expressar suas ideias. Enquanto isso, Ellen não conta com essa plataforma, sendo atravessada por dinâmicas raciais e econômicas que implicam na necessidade de ela seguir trabalhando em um ambiente racista.

Pela lente analítica da consubstancialidade (Kergoat, 2010; Garcia, 2022), observamos como os mecanismos de opressão operam de forma prevalente na história de Ellen e, ademais, nas de outras jovens mulheres negras da periferia que se veem na personagem. Ainda que em uma posição de prestígio alcançada pela perspectiva capitalista de meritocracia, seu percurso de trabalho é marcado constantemente pelo “custo mental” produzido pelas relações de conflito e dominação impostos por marcadores de gênero, raça e classe.

Essa realidade enfrentada por mulheres não brancas foi mapeado pelo *Relatório Global de Desigualdade de Gênero* 2023, do Fórum Econômico Mundial. A partir de 146 países avaliados, o estudo indica que mulheres compõem apenas 29% da força de trabalho nas áreas de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM). Esse número é ainda menor quando se refere a mulheres não brancas: nos Estados Unidos, por exemplo, o contingente diminui para 15% de mulheres latinas e 9% de mulheres negras trabalhando nessas áreas. Segundo Jean King (2024), os fatores que fundamentam a desigualdade são falta de promoção, desigualdade salarial, além de estresse, *burnout* e diversidade insuficiente nos ambientes de trabalho.

Além disso, observamos a convergência das problemáticas de gênero e raça no esforço constante de Ellen e Maura, ao longo da segunda temporada, de não implementar um projeto com características racistas. Tais tentativas são refutadas pelo CEO da empresa, um homem branco que quer lançar o projeto a qualquer custo dentro do cronograma definido pelos investidores. Ao longo da narrativa, observamos como

se dá a relação de submissão de Maura a Fábio, quando ela não consegue convencer seu gestor do cenário contraposto. As relações de antagonismo de gênero e raça são referidas na história da personagem: ainda que Maura, uma mulher lésbica negra, esteja ocupando um espaço de liderança na sua empresa, ela trava, sem sucesso, embates com a alta hierarquia da companhia.

Em uma pesquisa feita pela empresa de consultoria Gestão Kairós, especializada em diversidade, apontou-se que, entre 900 líderes entrevistados, apenas 25% são mulheres – e, entre elas, apenas 3% são negras (Dayrell, 2022). Esse cenário não difere das empresas brasileiras de capital aberto na B3, bolsa de valores brasileira: segundo levantamento coordenado pelo professor Carlos Portugal Gouvêa, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), em 2023, apenas 4 companhias das quase 500 listadas na bolsa contavam com um CEO preto ou pardo, demonstrando uma falta de representatividade substancial nas organizações (Schincariol, 2024). Logo, ainda que a representação de Maura enderece certa disruptão em relação aos dados da sociedade, o roteiro não pontua a personagem como transformadora do seu ambiente de trabalho a ponto de mudar aspectos do processo de produção da empresa. Ou seja, trata-se de uma diversidade placebo, em que há pessoas representantes de grupos minoritários dentro das corporações, porém elas não possuem voz ativa dentro dos processos de produção, das decisões e dentro da hierarquia (Silva, 2021).

Este argumento é relevante quando pensamos na atual tendência das grandes organizações de lançar mão da abordagem de ESG (sigla em inglês para governança ambiental, social e corporativa), que consiste em avaliar as ações de uma corporação sobre sustentabilidade e inclusão de diferentes identidades em seu corpo de pessoas colaboradoras. Os endereçamentos da cena suscitam alguns questionamentos, como: mais do que representatividade nas organizações, qual é a sua posição perante a hierarquia de uma empresa? Mais do que contratar, quais são as estratégias para garantir a permanência dessas pessoas em um ambiente psicologicamente seguro? E, principalmente, até que ponto o diagnóstico da convergência entre raça, classe e gênero é pensado com fins de justiça social ou somente para responder a uma demanda da sociedade? Quais são as negociações simbólicas estabelecidas nesse terreno de relações de poder?

Observamos o endereçamento de Ellen como a representação da pauta interseccional e do constante esforço para “se mostrar merecedora”, enquanto Lica representa o lugar de privilégio da liberdade, da criatividade e do empreendedorismo da geração Z. No final da trama, notamos até mesmo um artifício de roteiro que induz uma situação pouco provável para a salvação das personagens negras no projeto. De certa perspectiva, Lica representa uma salvadora branca e a única com poder e capacidade para proteger suas amigas negras no ambiente de trabalho. Por outro lado, também pode-se interpretar tal ação como a utilização do “privilégio branco” de Lica para fazer justiça. De todo modo, entendemos a coextensividade das relações de gênero, raça e classe e a opressão sofrida a nível prático pelas personagens Ellen e Maura, que mesmo que estejam ocupando locais de destaque ainda não possuem voz ativa no ambiente de trabalho.

As implicações da maternidade precoce no mundo do trabalho

A personagem Keyla Maria é apresentada como uma mulher criativa, romântica e sonhadora, mas que não alcançou suas aspirações devido à maternidade. Sua principal trama na novela e no seriado é relacionada à maternidade na adolescência e as dificuldades acadêmicas, profissionais e financeiras que enfrenta devido ao trabalho de ser mãe. Sem o apoio familiar para ajudar nos cuidados com o filho durante a série *As Five*, a personagem precisa contar com a ajuda dos amigos e procura trabalhos em razão de necessidade financeira.

Quando pensamos a maternidade na adolescência, podem ser observadas consequências mais graves para o caminho profissional trilhado por jovens mulheres mães. Mães mais jovens possuem menos

acessos educacionais e laborais (Guimarães; Martelete; Brito, 2018). De acordo com o projeto “Gravidez e maternidade na adolescência: um estudo da coorte de 100 milhões de Brasileiros”, desenvolvido pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, sigla para o nome em inglês), em 2014 apenas 28,4% das adolescentes com filhos estavam no ensino escolar regular. Para Dandara Ramos, “depois que se torna mãe, perdem-se direitos: a adolescente não tem mais direito a estudar, a sonhar com uma carreira, a entrar no mundo do trabalho. Esse percurso de sonhos, de formação, de desenvolvimento, é interrompido pela maternidade” (Apesar..., 2022). Esse encadeamento resulta em baixa escolaridade, interferindo na estabilidade financeira e na empregabilidade dessas mulheres mães. Os dados não são limitados a um grupo minoritário de pessoas: em 2020, cerca de 380 mil nascimentos foram de mães até 19 anos de idade, correspondendo a 14% dos partos no país.

Retomando a avaliação de Fraser (2011), a emancipação feminina não proporciona a Keyla uma melhor condição de vida. Pelo contrário, a personagem busca, para sua sobrevivência, ocupar espaços de trabalho precarizados. Ela é mãe solo de um menino de 7 anos e encontra-se fora do mercado trabalho formal. Na primeira temporada, ela trabalha com telemarketing, mas é demitida no primeiro episódio por ser mãe. Na segunda temporada, observamos a personagem lutar pelo seu sonho de ser artista ao mesmo tempo em que lida com a labor maternal. Durante o enredo, observa-se novamente a perda de duas oportunidades de trabalho devido a suas atribuições como mãe: Keyla não pode trabalhar como cantora em horários fora do comum porque deve cuidar do filho. É o trabalho dobrado da mãe solo, em que ela deve trabalhar para estabelecer uma condição financeira ao mesmo tempo em que cuida da educação e do bem-estar das crianças – e tudo isso sem perder o horário ou o humor no trabalho. A emancipação resulta em uma dupla jornada: uma precarizada e outra desvalorizada.

A narrativa evidencia a problemática da *divisão sexual do trabalho* articulada por Hirata (2014), uma vez que um conjunto de discursos constantemente citados destinam apenas às mulheres – neste caso, à personagem Keyla – as atividades de reprodução social, separando-as e hierarquizando-as em relação ao trabalho masculino. De modo prático, aqui a parentalidade e a criação do filho não só é percebida como um trabalho não remunerado essencialmente feminino, mas também posto apenas como um “apêndice do trabalho assalariado”, como se pudesse haver uma separação entre ambas as dimensões no cotidiano.

O impacto da *divisão sexual do trabalho* não existe apenas a nível simbólico, mas também material. Uma pesquisa científica produzida pela Faculdade de Economia de Londres em parceria com a Universidade de Princeton e divulgada na revista *The Economist* analisou o que os investigadores chamam de “penalidade da maternidade” em 134 países, número que corresponde a 95% da população mundial (How..., 2024). De acordo com os dados, uma média de 24% das mulheres deixa o mercado de trabalho após o primeiro ano de nascimento de seus filhos, enquanto 15% se mantêm afastadas após dez anos. Na América Latina, a porcentagem é ainda maior: 38% das mulheres se afastam do mercado de trabalho após o nascimento da primeira criança, enquanto 37% ainda continuam fora dele após uma década.

Há também a relação de coextensividade, principalmente, entre gênero e classe. Keyla é a personagem com maior dificuldade financeira entre as amigas, sendo a única que mora de favor no apartamento de um colega. Em dado momento da trama, ela decide trabalhar no contraturno, mas pede para que uma das amigas cuide de seu filho durante a noite. Isso ressalta as decisões que a personagem sempre precisa tomar entre o trabalho “profissional” e o trabalho maternal. Além disso, sua família e o pai de seu filho não estão próximos para ajudar no cuidado com a criança. Isso demonstra a relação desigual sofrida pela mulher mãe solo pobre. Ela precisa cuidar do filho, pois não há ninguém mais que possa fazer isso, ao mesmo tempo em que precisa ter um emprego que garanta estabilidade financeira para prover ao filho e a si mesma. Ainda que a personagem busque alcançar seus sonhos profissionais na segunda temporada, nota-se o tamanho dos desafios que ela precisa enfrentar nessa interseccionalidade.

Trata-se do paradigma apontado por Fraser (2011, p. 631) em sua teorização sobre a mercantilização feminina:

[...] em uma extremidade, as mulheres das classes médias, determinadas a quebrar o teto de vidro; em outra, as mulheres interinas, trabalhadoras em tempo parcial, assalariadas de baixa renda, empregadas domésticas, trabalhadoras do sexo, imigrantes, trabalhadoras em zonas francas industriais e clientes em estabelecimentos de microcrédito, em busca não somente de renda e segurança material, mas também de dignidade, de bem-estar e de uma liberação da autoridade tradicional. Nas duas extremidades, o sonho de emancipação das mulheres é sacrificado no altar do capitalismo.

Na representação de Keyla em *As Five*, nota-se o endereçamento da personagem como esperançosa. Ela representa a realidade de uma jovem adulta brasileira com um filho para cuidar e sem apoio financeiro do pai da criança. Há uma sensação de que os produtores querem trazer um raio de esperança para mulheres como a Keyla. No entanto, como pode-se observar nesse primeiro episódio e ao longo da série, os dois turnos – o profissional e o como mãe – são conflituosos e concomitantes, explicitando a relação desigual das mães no mundo do trabalho.

Considerações finais

As Five, criada por Cao Hamburguer e lançada pela Globoplay em 2020, é uma ficção seriada que endereça a complexidade de experiências e vivências de suas personagens femininas, tornando-se parte de um sistema simbólico que dá sentido às diferentes posições de sujeito no mundo social (Kellner, 2001). Ao colocarmos uma lente analítica sobre as representações que discutem questões de raça, classe e gênero, observamos como a narrativa audiovisual desempenha um papel de debate sobre a consubstancialidade das relações sociais, sobretudo de raça, gênero e classe (Kergoat, 2010; Hirata, 2014).

Notamos que a série endereça discursos sobre as diversas maneiras de ser uma mulher adulta inserida no mundo do trabalho, já que a produção identitária não é vertical, mas articulada a marcadores de diferença e autodeterminação. A partir disso, entende-se as disputas políticas e as relações de poder e privilégio que ocorrem nos ambientes profissionais, atingindo níveis diferentes de acordo com cada cruzamento de categorias identitárias.

A análise de Ellen e Lica nos revela como as dimensões de raça, classe e gênero afetam suas experiências no mundo do trabalho de formas divergentes, destacando a importância do conceito de consubstancialidade (Kergoat, 2010) na compreensão dessas relações. Já a análise da personagem Keyla revisita as implicações de uma maternidade precoce no mundo do trabalho e o desafio de conciliá-la com suas aspirações profissionais, demonstrando como a *divisão sexual do trabalho* (Hirata, 2014) é presente sobretudo para mães solo jovens e como a mercantilização feminina (Fraser, 2011) acarreta uma dupla jornada de precarização e desvalorização em nome da emancipação.

A ficção seriada corrobora com os avanços das pautas feministas, mas ainda é marcada por uma ampla desigualdade social que pode ser mais ou menos intensificada conforme o cruzamento entre as diferentes categorias identitárias. Ainda assim, ela apresenta construções femininas que vão além dos modelos “achatados” e fundados na estética e no sexo biológico (Ferreira, 2021). O foco das personagens principais não é direcionado somente às relações amorosas heterossexuais, mas sobretudo à busca pela representatividade negra em ambientes corporativos e ao embate contra uma *divisão sexual do trabalho* que atribui o cuidado somente às mulheres que maternam.

Mesmo entendendo o papel das ficções televisivas na promoção de discussões na sociedade sobre variados temas, de modo que seu consumo ajude a refletir sobre as problemáticas postas em tela para uma possível expansão de mundos possíveis, pontuamos outra questão: qual seria o limite dos regimes

de representação na negociação de mudanças estruturais e materiais na realidade das pessoas que experienciam opressões a partir do entrecruzamento entre diferentes marcadores de diferença? Qual o papel dos eixos de reconhecimento e redistribuição para que, de fato, tenhamos essa reconfiguração? Estas são indagações que não pretendemos esgotar neste artigo, mas que podem ser respondidas por futuras investigações que articulem a cultura de mídia com a consubstancialidade das relações sociais.

Referências

APESAR DE REDUÇÃO, Brasil ainda apresenta dados elevados de gravidez e maternidade na adolescência, apontam especialistas. **UNFPA**, São Paulo [on-line], 16 set. 2022. Disponível em: <<https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/brasil-ainda-apresenta-dados-elevados-de-gravidez-e-maternidade-na-adolescencia>>. Acesso em: 26 ago. 2023.

AS FIVE: 3 temporadas. Autoria: Cao Hamburger. Direção artística: Fabrício Mamberti e Cao Hamburger. Direção: Dainara Toffoli, Rafael Miranda, Natalia Warth, José Eduardo Belmonte e Joana Antonaccio. Roteiro: Vitor Brandt, Jasmim Tenucci, Luna Grimberg, Francine Barbosa, Ludmila Naves, Maíra Motta, Maiara de Paula e Cao Hamburger. Elenco: Ana Hikari, Daphne Bozaski, Gabriela Medvedovski, Heslaine Vieira, Manoela Aliperti, Rafael Vitti, Sophia Abrahão, Dira Paes, Tamirys O'Hanna, Marcos Oli, Thalles Cabral, Bruno Gadiol, Elzio Vieira, Giulia Del Bel, Joana Castro, Samuel De Assis, Tati Ang e Malu Galli. Brasil: Globoplay, São Paulo, 2020-2024. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/as-five/t/XNH9T9JnR8/>>. Acesso em: 21 ago. de 2023.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações: Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 27-55, 2015.

DAYRELL, M. Mulheres negras são apenas 3% entre líderes nas empresas, diz estudo. **Estadão**, São Paulo, 11 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/economia/sua-carreira/mulheres-negras-lideres-empresas-estudo-gestao-kairos>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema, uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. (Org.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

FERREIRA, A. M. *Viva a diferença?: as representações das juventudes e das narrativas da diferença em Malhação*, sob um olhar decolonial. 2021. 192 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

FRASER, N. Mercantilização, proteção social e emancipação: as ambivalências do feminismo na crise do capitalismo. **Revista Direito GV**, on-line, v. 7, p. 617-634, 2011.

GARCIA, A. K. Interseccionalidade ou consubstancialidade. **Novos Rumos Sociológicos**, on-line, v. 10, n. 18, p. 103-129, 2022.

GLOBO. **Negócios Globo**. 2015. Disponível em: <<https://globoir.globo.com/show.aspx?idCanal=AKIvCadri0mhYD5XLFFLew==&linguagem=pt>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

GUIMARÃES, N.; MARTELETO, L.; BRITO, M. M. A. **Transições e trajetórias juvenis no mercado brasileiro de trabalho: padrões e determinantes**. Brasília: Organização Internacional do Trabalho, 2018. Disponível em: <https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/%40americas/%40ro-lima/%40ilo-brasilia/documents/publication/wcms_748393.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2025.

HALL, S. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaide de La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudio Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, on-line, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

_____.; KERGOAT, D. Novas configurações da *divisão sexual do trabalho*. Tradução de Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, on-line, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HOW MOTHERHOOD HURTS Careers. **The Economist**, on-line, 30 jan. 2024. Disponível em: <<https://www.economist.com/interactive/graphic-detail/2024/01/30/how-motherhood-hurts-careers>>. Acesso em: 18 fev. 2024.

KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais:** identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

KERGOAT, D. *Divisão sexual do trabalho*. In: HIRATA, H.; LABORIE, F.; LE DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 67-75.

_____. **Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais**. Novos Estudos, São Paulo, n. 86, p. 93-103, 2010.

KING, J. Why the Mental Cost of a STEM Career can be Too High for Women and People of Colour. **Nature**, on-line, n. 626, p. 235, 2024.

MALHAÇÃO: VIVA A DIFERENÇA ganha o Emmy Internacional Kids. **Gshow**, Rio de Janeiro [on-line], 9 abr. 2019. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2017/noticia/malhacao-viva-a-diferenca-ganha-o-emmy-internacional-kids.ghtml>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MINUZZI, C.; PETERMANN, J. Consustancialidade: uma reflexão conceitual para pesquisas em publicidade. **Signos do Consumo**, on-line, v. 13, n. 1, p. 59-71, 2021.

PREDIGER, S. **Mídia e representação social juvenil:** recepção do Programa *Malhação*. 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

RIBEIRO, R. Mulheres negras e mundo do trabalho: interseccionalidades (im)possíveis nas séries originais Netflix. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 29., Campo Grande, 2020. **Anais...** Campo Grande: UFMS, 2020.

SCHINCIROL, J. Falta diversidade racial no topo das empresas abertas. **Valor Econômico**, on-line, 29 jan. 2024. Disponível em: <<https://valor.globo.com/carreira/noticia/2024/01/29/falta-diversidade-racial-no-topo-das-empresas-abertas.ghtml>>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SIGILIANO, D.; GARCIA, J.; YA YA, H.; VIEIRA, L.; BORGES, G. A aprendizagem informal na produção de *fanfics* da série *As Five*. In: JORNADA INTERNACIONAL GEMINIS, 4., São Paulo, 2021. **Anais...** São Carlos: UFScar, 2021.

SILVA, A. H. M. **Atividade publicitária contestada:** o discurso de consultorias LGBTQIA+ no fazer publicitário. 2021. 214 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

SORJ, B. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, on-line, v. 15, p. 25-34, 2000.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital:** como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

VIEIRA, L.; SIGILIANO, D.; BORGES, G. Cultura de fãs e literacia midiática: a criação de mundos possíveis pelo *fandom* de *As Five* no Twitter. In: ENCONTRO VIRTUAL DA ABCIBER, 2., 2021, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 3 e 4 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2021/paper/view/1527>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report 2023**. Geneva: World Economic Forum, 2023.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

O artigo não é resultado de projeto de pesquisa, dissertação ou tese.

Fontes de financiamento

Não se aplica.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

Não se aplica.

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa

Romão Matheus Neto e Arthur Henrique Monteiro Silva

Coleta de dados

Romão Matheus Neto

Análise e/ou interpretação dos dados

Arthur Henrique Monteiro Silva

Escrita e redação do artigo

Romão Matheus Neto, Arthur Henrique Monteiro Silva e Regiane Regina Ribeiro

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Regiane Regina Ribeiro

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós

Romão Matheus Neto e Arthur Henrique Monteiro Silva

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não.

Liste os financiadores da pesquisa:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não se aplica.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Não se aplica.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:

Não se aplica.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.